



E A (IN)DISCIPLINA SE FEZ CARNE: O DIA EM QUE DOIS PROFESSORES SE (IN)DISCIPLINARAM

Angela Guida
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
angelaguida.ufms@gmail.com

Thiago Pedro Pinto
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
thiagopedropinto@gmail.com

Resumo: A apresentação que ora se segue é um relato de experiência, cujo propósito é narrar a experiência de dois professores com formação e atuação em programas distintos que se reuniram para ministrar uma (in) disciplina ofertada a alunos de Pós-Graduação [mestrado e doutorado] também de programas aparentemente diversos: Estudos de Linguagens [PPGEL/Letras] e Educação Matemática [PPGEumat]. A (in) disciplina intitulada “Filosofia e educação matemática” buscou discutir o pensamento de dois importantes filósofos do século XX, Ludwig Wittgenstein e Jacques Derrida, que conferiram acentuada relevância à linguagem em suas reflexões filosóficas.

Palavras-chave: Filosofia; Educação, Diálogo, Linguagem.

“Na investigação do conhecimento eu não sinto mais que a alegria da minha vontade, a alegria de engendrar; e se há inocência em meu conhecimento, é porque há nele vontade de ser fecundado”.
(Friedrich Nietzsche, 1981, p. 101)

UM ENCONTRO

Tendo como ponto de partida a ideia, nada simples, de terapia filosófica e desconstrução, o diálogo com os filósofos Wittgenstein e Derrida na (in) disciplina “Filosofia e Educação Matemática” possibilitou uma ampla e produtiva discussão acerca da linguagem e suas implicações no cotidiano escolar e na prática docente, conforme tentaremos demonstrar na explanação que se segue.

Antes cabem algumas considerações acerca do jogo de linguagem que estamos jogando com a palavra disciplina e o prefixo de origem latina – in. Na acepção comum, o – in denota privação, negação, sentido contrário. Entretanto, em nosso caso, não se trata da negação de uma disciplina, mas sim do questionamento de saberes que se constroem em disciplinas “disciplinadas”, ou seja, aquelas que se negam ou se privam do diálogo com outros campos do conhecimento e as potencialidades que podem emergir de tais diálogos. A motivação para esse jogo com a palavra (in) disciplina adveio da leitura da orelha do livro de Joel Rufino dos Santos – *Quem ama literatura não estuda literatura: ensaios indisciplinados* – cuja explicação lembra ao leitor que a indisciplina dos ensaios que constituem o livro é uma maneira de pensar sem rede de proteção, sem segurança e assumindo inclusive os riscos de se enganar, mas também de produzir o conhecimento: “Indisciplina aqui é o método de pensar na fronteira das disciplinas, em vez de no interior de cada uma, onde as conclusões parecem em segurança.”

Bem, “Filosofia e Educação Matemática” foi um “ousado” [palavras do professor Antonio Miguel¹⁶] exemplo de se atirar ao abismo sem rede de proteção por vários motivos: os dois pensadores escolhidos para o diálogo, no dito popular, são tomados como pensadores “difíceis”, sabe-se lá o que isso quer dizer. Apesar de já haver um contato com o pensamento de Wittgenstein e Derrida, não éramos especialistas, “donos de referenciais teóricos” (como às vezes se ouve na academia), nos quais se assume uma autoridade de dizer sobre o que o outro quis dizer, ou de estar totalmente confortável, e diríamos inerte, com tais leituras; também foi um desafio assumir para os alunos, talvez ávidos por uma resposta acalentadora, que não trazíamos nenhuma definição de terapia filosófica, de jogo de linguagem e desconstrução. Como eles, nós professores também nos encontrávamos ali movidos por um convite ao pensar e, talvez, ao final, sairíamos com mais perguntas que respostas. Desconstruímos o tempo todo, mas não definimos o anseio pelo conceito de desconstrução; fizemos terapia filosófica desde o primeiro instante, mas não conceitualizamos o que é terapia filosófica. Até por que não há “o que é desconstrução” nem “o que é terapia filosófica”. Jogamos com a linguagem o tempo todo, mas não limitamos o que é jogo de linguagem. Deixamos essa função para aqueles que se sentem mais afinados com a filosofia metafísica.

¹⁶ Prof. Dr. Antonio Miguel (UNICAMP) teve participação em um dos encontros desta disciplina, em especial por seus trabalhos que dialogam com os dois pensadores com os quais aqui trabalhamos.

Mesmo com algumas limitações e exemplos mal sucedidos, mas que não vêm ao caso citá-los agora, já podemos vislumbrar um movimento em direção a um saber em rede, um saber dialogal, isto é, um saber cuja área de formação não se dá como um empecilho para o diálogo, mas sim como uma possibilidade de fomento para produção de conhecimento. Neste sentido, alguns professores que atuam no PPGEumat e PPGEEL vêm discutindo e percebendo que há leituras e interesses afins que podem contribuir de forma efetiva com o processo de formação de docentes e alunos. Entretanto, é importante salientar que para acontecer este diálogo não se faz necessário que o professor de letras deixe de ser professor de letras e o de matemática deixe de ser professor de matemática, ou seja, que eles se “limpem” de suas respectivas formações. Muito pelo contrário: importa perceber o que cada um tem a contribuir com suas especificidades para a produção do conhecimento, porque, ao final, o que importa é pensar, dialogar e produzir conhecimento. O acontecimento da disciplina “Filosofia e educação matemática” no segundo semestre de 2016, nas dependências do PPGEumat, constituiu-se, sem dúvida, como um importante exemplo de que é possível pensar para além dos cercados das disciplinas e dos departamentos, centros ou qualquer coisa parecida com isso.

No que diz respeito ao pensamento de Derrida, mesmo sem definir o que é desconstrução, julgamos pertinente fazer com que os alunos percebessem que, ao contrário do que se poderia pensar pela semelhança do vocabulário, a desconstrução não seria um convite para a destruição de conceitos e do que quer que seja, mas antes, um convite para se pensar sobre a metafísica ocidental e muitos de seus dogmas e doutrinas inquestionáveis e colocados como à prova de qualquer desconcerto, isto é, discutir a fragilidade de saberes produzidos com base em conceitualizações, oposições, hierarquizações, certezas inquestionáveis e tantos outros.

Como demonstramos o operar da desconstrução sem definições? Por exemplo, discutimos o livro de Derrida *A farmácia de Platão*, no qual o filósofo, por meio de uma leitura desconstrutora apresenta-nos outra possibilidade de leitura da obra de Platão *Fedro*, que vai além do que se costuma ler nela: uma obra que fala do amor. Fala sim do amor, mas também há um outro texto ali, um texto que vem à margem: a condenação da escritura.

Em particular — e este será nosso fio suplementar —, toda a última parte (274 b sq.) consagrada, como se sabe, à origem, à história e ao valor da escritura, toda essa instrução do processo da escritura deverá um dia cessar de manifestar-se como uma fantasia mitológica sobreposta, um

apêndice que o organismo do diálogo poderia muito bem dispensar sem prejuízo. Na verdade, ela é rigorosamente invocada de um extremo a outro do Fedro (DERRIDA, 2005, P. 12)

Derrida “lê”/desconstrói *Fedro* a fim de questionar a primazia da fala em detrimento da escrita, pois o filósofo grego acreditava que, entre outros malefícios, a escrita seria um prejuízo à memória. É importante que se diga que a desconstrução operada por Derrida em *Fedro* não diz que Platão está enganado em defender a fala, mas enganado por colocar a escrita no banco dos réus. Derrida não pretendeu *destruir* as argumentações de Platão, mas apenas *desconstruir* uma ideia única em torno da fala, na qual se sustentava sua superioridade em relação à escrita.

Convocar Derrida como interlocutor na universidade e em uma (in) disciplina que se propôs, desde o início, como um espaço para questionamentos e produção de conhecimento é bastante legítimo, uma vez que o filósofo, apesar de não ter escrito nenhum grande tratado sobre ensino, aprendizagem, educação e afins, não deixou de contemplar em suas discussões o espaço acadêmico com críticas severas a um modelo de universidade que, nas palavras do filósofo, ainda sustenta um projeto racionalista e iluminista. Derrida discute em *A universidade sem condição* a necessidade de existência de uma universidade incondicional e independente. Mas reconhece o quão difícil é conseguir isso, posto que sobretudo em virtude de financiamentos econômicos as universidades fazem acordos, contratos e pesquisas que, às vezes, estão muito mais a serviço de indústrias do que da educação. Para o filósofo franco-argelino, a universidade deveria ser o último espaço de resistência e crítica, inclusive de crítica a ela mesma, a sua própria história; enfim, uma universidade desconstrutiva. A proposta de nossa (in) disciplina “Filosofia e educação matemática”, com sua configuração diferente do que se está acostumado a ver no espaço acadêmico foi uma tentativa de fazer um movimento de busca por uma universidade crítica, como tanto desejava Derrida, pois enquanto houver desejo pelo conhecimento haverá quem o fecunde.

Todo esse movimento desconstrutivista a partir da leitura de Derrida parece, de alguma forma, dialogar com o que tem sido chamado de “terapia filosófica” proposta a partir da leitura, em especial, do *Investigações Filosóficas*, de Ludwig Wittgenstein. Nesta obra o pensador austríaco se opõe a sua obra inicial, o *Tractatus Logico-Philosophicus*, e a toda corrente metafísica, na sua concepção de como “funciona” a linguagem. Se num primeiro momento ele buscava por uma linguagem “ideal” que pudesse esclarecer e ser referência para nossa linguagem cotidiana (uma deturpação dessa linguagem ideal), agora

ele propunha a inexistência de tal “entidade”, focando exclusivamente no uso ordinário da linguagem em suas múltiplas e variadas práticas e usos – estes são os significados das palavras.

Mais do que se referenciar a algo fora da prática cotidiana, as palavras, frases, são lances em jogos nos quais participam toda uma forma de vida, jogos que são criados, jogados, modificados e, por ventura, morrem, dando lugar a outros. Não há uma essência, traço essencial, que ligue todos os jogos de linguagem, como também não há para o uso que se faz de determinadas palavras. Quantas são as palavras que possuem usos tão diversos o suficiente para que nada, ou quase nada, se possa traçar de comum em seus diversos usos? Alguns, talvez, diriam que são figuras de linguagem, usos conotativos, gírias... mas quais seriam então os usos “corretos” das palavras? Onde residiria esta “legitimidade” de significados?

Cotidianamente nos empenhamos em diversas ações, das mais diversas naturezas e usamos uma mesma palavra em várias delas, cada qual com um significado (uso) diferente. Wittgenstein atenta para o “erro” de não procurar o significado das palavras nestes usos ordinários mas sim “fora deste mundo”, numa empreitada metafísica, como comumente fazem os filósofos. Para o autor das *Investigações Filosóficas*, estes são maus usos da linguagem, quando, ao invés de “olhar” para os usos que estão aí, em nossa frente, buscamos “pensar” no oculto “por trás das palavras”, buscando uma essência para elas.

Em sua escrita ele distingue a “aparentemente” sutil diferença entre jogar e dizer sobre o jogo. Para ele, o importante é jogar, entender como se joga e permanecer aí e do modo que está, pois a “filosofia deixa tudo como está”, visto que propõe novos jogos que “explicam” os usos que deveriam ser os corretos (segundo ela e não segundo nossos jogos cotidianos): explicar um jogo não é jogá-lo!

COMO SE DERAM OS ENCONTROS...

Os encontros aconteceram nas dependências do PPGEdumat, mas há o interesse em oferecer a mesma disciplina nas dependências do PPGEEL. Ao todo foram nove encontros entre os meses de setembro, outubro e novembro de 2016. Em cada encontro discutíamos temas/problemas a partir do diálogo com Wittgenstein e Derrida. Alguns temas/problemas apontados não foram tratados diretamente pelos filósofos, mas perpassaram suas obras, como, por exemplo, no caso de Derrida a questão da Ética. O filósofo não escreveu uma obra em que se pusesse a discuti-la, no entanto, ela permeia a

obra de Derrida em sua manifesta preocupação com o ser humano, com a violência contra os animais, com governos totalitários, com a pena de morte, etc. Da mesma forma, Wittgenstein não toca, em sua segunda fase, na temática da ética, possui, no entanto, uma *Conferência Sobre Ética*, na qual pontua sua visão sobre esta temática, mas calcado ainda numa visão metafísica. Com postura oposta a essa, sua segunda fase é marcada pelo relativismo com que aborda todo e qualquer conceito, não um relativismo absoluto, visto que somos regrados por uma gramática dos jogos dos quais participamos. Desta forma, inclusive “ética” é um termo que deve ser observado nos jogos cotidianos de linguagem, e seu significado é, justamente, o uso que se faz desta palavra, e não algo que transcenda. Por outro lado, leitores conseguem, a partir de uma determinada ideia de ética olhar para a obra de Wittgenstein e identificar ali pontos que parecem ser tomados pelo autor como algo “bom e desejável”, como, por exemplo, buscar uma visão panorâmica das coisas.

No primeiro encontro falamos um pouco sobre os filósofos com os quais dialogaríamos ao longo da disciplina; uma apresentação informal de Derrida e Wittgenstein. Ainda pedimos aos alunos que falassem sobre as expectativas com relação à disciplina. Esse questionamento pôde comprovar que a velha dicotomia números *versus* letras ainda tem seu lugar, pois alguns alunos do curso de letras se mostraram desconfiados com o fato de estarem com colegas da matemática e vice-versa. Mas há esperança, pois mesmo desconfiados aceitaram o desafio de fazer a disciplina. Na sequência selecionamos fragmentos diversos de pensadores ou de falares populares e sem nominá-los fizemos as projeções dos fragmentos e pedimos que discutissem acerca do que liam. O objetivo dessa atividade foi fazer com que percebessem que as ideias filosóficas são cotidianas, ou seja, a filosofia se nutre do dia-a-dia.

Para cada um dos encontros, propusemos que discutíssemos um tema/problema sob o olhar de Wittgenstein e Derrida. Os textos referentes aos encontros foram enviados com antecedência, a fim de que todos pudessem fazer a leitura prévia e deixar o tempo das aulas/encontros apenas para as discussões. É importante salientar que não pretendíamos forçar uma relação de convergência entre Wittgenstein e Derrida, mas apenas discutir o modo como lidaram com tais temas/problemas. Por que razão eles foram escolhidos? Porque tanto um quanto o outro deram importantes contribuições para discutir a questão da linguagem, que é nosso interesse maior. Em alguns momentos percebíamos que havia certas convergências; em outros, divergências, assim como houve divergências nossas com os filósofos, bem como dos alunos conosco e com os filósofos, pois dialogar não é

sinônimo de concordar assertivamente com tudo que o outro argumenta. Isso faz parte do processo de pensar, questionar e, por conseguinte, de produzir conhecimento. É claro que as discordâncias dos alunos se deram de forma mais tímida, pois por mais que déssemos abertura, ainda há uma relação de forças entre aluno e professor, na qual se sustenta a crença [e convenhamos não fortuita] de que o professor está acima do aluno. Entre os temas selecionados para os encontros estavam imagem, jogo, ética, linguagem e tradução.

Em um dos encontros nos foi possível contar com a presença, via webconferência, dos professores Antônio Miguel [Unicamp] e Fernanda Valim Côrtes Miguel [UFVJM-Universidade Federal dos vales do Jequitinhonha e do Mucuri]. O professor Antônio Miguel e a professora Fernanda também dialogam com Wittgenstein e Derrida e discutiram conosco acerca do pensamento desses dois filósofos. É interessante notar que estes dois interlocutores possuem também a mesma formação diversa que a nossa, tendo como foco de produções a Educação Matemática e o campo das Letras, respectivamente. Além disso, ambos também já produziram juntos, problematizando esta aproximação e uso conjunto destes dois pensadores aqui em voga. Em uma profícua discussão explicitaram diversas potencialidades deste uso conjunto, tanto para a Literatura quanto para a Educação Matemática. Fernanda nos mostra como é possível ler a temática do feminino em diversos textos literários tomando estes dois referenciais, enquanto Antonio nos possibilita um grande passeio pela velha cidade da linguagem, a qual habitamos em nossas práticas cotidianas. Juntos, produziram, por exemplo *“Uma terapia do noturno a partir do War Requiem de Derek Jarman”*, também abordado em nossas discussões.

UMA PROPOSTA DE AVALIAÇÃO...

Uma disciplina com configuração tão (in) disciplinada ansiava por uma avaliação mais aberta. Após algumas discussões, decidimos pela apresentação de seminários. Sugerimos que escolhessem algum ponto do que havia sido discutido e problematizado em nossos encontros e nos apresentassem em exposição oral por mais ou menos trinta minutos. O objetivo desta avaliação foi perceber o que havia ficado para eles das problematizações que aconteceram ao longo dos encontros e como fariam essa “tradução” para o cotidiano. Após a apresentação pedimos para que relatassem suas impressões acerca da disciplina, a exemplo do que havíamos feito no primeiro encontro. As impressões foram todas elogiosas. Alguns disseram que a disciplina deveria ter a carga horária estendida para 60 horas, e não apenas 30 como foi o caso desta, outros disseram que a disciplina precisava

entrar para um rol de disciplinas obrigatórias, enfim, o retorno elogioso por parte dos alunos soou como música aos nossos ouvidos, afinal se tratava de uma proposta “ousada” e poderia não ter dado certo, no entanto, pelos depoimentos dos pós-graduandos dos dois programas parece que deu certo sim.

REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. (2003). *A Universidade sem condição*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade.

DERRIDA, Jaques. (2005). *A farmácia de Platão*. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras

MIGUEL, Antonio. Historiografia e Terapia na Cidade da Linguagem de Wittgenstein. *Bolema*, Rio Claro (SP), v. 30, n. 55, p. 368 - 389, ago. 2016.

MIGUEL, F. V. C.. Investigações literárias contemporâneas a partir da atitude terapêutica de Ludwig Wittgenstein. *RevLet: Revista Virtual de Letras*, v. 8, p. 456-475, 2016.

MIGUEL, F. V. C.; MIGUEL, A. . Uma terapia do noturno a partir do War Requiem de Derek Jarman. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 25, p. 195-214, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra (1981)*. Trad. Mário da Silva 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira

WITTGENSTEIN, L. *Conferência sobre ética*. Tradução: Darlei Dall’Agnol. Disponível em < <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAA2KEAH/conferencia-sobre-etica>>.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. Trad. BRUNI, J. C. São Paulo: Nova Cultural, 1999.